

O PRAZER DE APRENDER: PRÁTICAS AFETIVAS NA SALA DE AULA

Ana Rita Silva ALMEIDA (1); Ariane de Brito SANTOS (2); Camila Barreto da GAMA (3)

(1) IFBaiano, Bahia, e-mail: analmeida64@hotmail.com

(2) UFS, Sergipe, e-mail: ariane.britto@hotmail.com

(3) UNIT, Sergipe, e-mail: camilabarretogama@hotmail.com

RESUMO

A escola, enquanto espaço legítimo para a educação da criança, deve procurar articular a união da vida afetiva com a vida intelectual para, ao mesmo tempo, nos limites das suas atividades educacionais, promover o desenvolvimento de ambas. O presente trabalho teve como objetivo conhecer as práticas afetivas executadas pelo professor em sala de aula. A fundamentação teórica que fundamentou esta investigação foi a teoria de Henri Wallon, que aborda a afetividade numa perspectiva psicogenética e o procedimento metodológico utilizado foi a pesquisa de campo. Os sujeitos da pesquisa foram oito professores da Educação Infantil e Séries Iniciais e o instrumento utilizado foi a entrevista. Os dados foram analisados e organizados em categorias que procurarão desvelar as “práticas afetivas” aplicadas por professores em sala de aula. Por fim, a partir das questões levantadas durante a análise, procurou-se sistematizar as práticas exercidas pelos professores, destacando as contribuições que fornecem ao estudo da afetividade humana, bem como os limites que apontam a necessidade de novas investigações.

Palavras-chave: afetividade, professor, práticas.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas intensificou-se na literatura (ALMEIDA, 1999; DANTAS, 1992; GALVÃO, 1998; LEITE, 2002; MAHONEY, 2004; SOUZA & BUSSAB, 2006) as discussões a respeito das relações entre afetividade e inteligência, retomando os estudos sobre a participação da emoção no desenvolvimento humano. Essas pesquisas partem do princípio de que o desenvolvimento é um processo progressivo de construção da afetividade e da inteligência, destacando a importância de considerar o indivíduo em sua totalidade, ou melhor, de investigar a criança sem subestimar a estreita relação entre esses aspectos.

Do ponto de vista pedagógico, essa concepção de desenvolvimento humano compreende a idéia de que o sujeito humano, que lidamos na sala de aula, é um indivíduo que pensa, mas também sente. Assim, o ato de aprender, de adquirir conhecimento, está estritamente ligado ao aprendizado afetivo e, portanto, ensinar ultrapassa o compromisso com a promoção do conhecimento do aluno.

Assim, a escola assume uma importância capital sobre o desenvolvimento da personalidade infantil, pois sua responsabilidade vai mais além do provimento do desenvolvimento intelectual e se estende à construção da personalidade. Não se pode esquecer, ressalta Almeida (1999), que a escola proporciona à criança a possibilidade de estabelecer relações diversificadas e facultativas. Esta oportunidade de conviver num ambiente menos estruturado e menos estável do que a família proporciona a participação em grupos, cuja integração inclui seguir regras, assumir tarefas e, principalmente, reconhecer suas capacidades e respeitar a si próprio mediante o outro.

Com essa nova perspectiva, a escola encontra-se diante do desafio de construir uma prática pedagógica que favoreça a relação emoção e inteligência na sala de aula de maneira a promover o pensar e o sentir sem, contudo, sobrepor um ao outro. Todavia, ainda, hoje, as dimensões afetivas e cognitivas do funcionamento psicológico têm sido vivenciadas de forma separadas, pois na escola a atividade intelectual continua sendo concebida isoladamente.

O aspecto afetivo é, muitas vezes, ignorado em sala de aula, pois os professores não vêem a articulação entre o afetivo, o cognitivo nas atividades escolares, apresentando uma falta de clareza sobre a relação intrínseca existente entre essas dimensões humanas. No entanto, lembra Leite (2006), a afetividade está presente em

todas as etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor e não apenas nas suas relações tête-à-tête com o aluno. As dimensões afetivas, envolvidas nas práticas pedagógicas, vão além do circuito relacional professor-aluno, estendendo-se nas relações que se estabelecem entre o sujeito (aluno) e os diversos objetos de conhecimentos (conteúdos educacionais).

Desse modo, a afetividade interfere no processo de aprendizagem, por isso é importante a mediação do professor na sala de aula para que ocorra o avanço das crianças tanto nas aprendizagens de caráter conceitual, quanto de procedimentos e de valores. É importante que o professor respeite o aluno e acredite em seu potencial, contribuindo para que ele se sinta capaz de aprender. (PELLISSON, 2006).

A participação da afetividade na sala de aula envolve todas as decisões e condições de ensino assumidas pelo docente, sendo, portanto, “um fator fundante das relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares.” (LEITE 2006, p.38). Vai ainda mais longe Atlet (2000), quando afirma que todos os processos situacionais pedagógicos são determinantes para os comportamentos tanto do professor quanto dos alunos. Esses processos envolvem todos os fatos e/ou acontecimentos que ocorrem em sala de aula, sendo compostos basicamente de três componentes principais: as circunstâncias; as situações de aprendizagem e as condições organizacionais. Dessa forma, serão esses componentes que determinarão o quadro das interações professor-aluno, bem como dos processos cognitivos, sociais e afetivos.

O professor que consegue envolver ou contemplar a afetividade em suas atividades pedagógicas motiva e estimula seus alunos a formar novos esquemas, tomar novas atitudes, tornando-se autônomos para solucionar os seus problemas. Logo, é importante que o docente acompanhe o desenvolvimento da criança, porque as suas manifestações afetivas vão se modificando em cada período. A afetividade de simples expressão motora, e de base predominantemente orgânica, vai paulatinamente, na medida em que a criança vai mantendo uma maior relação com o meio, se transformando em expressões cada vez mais sociais.

Portanto, diante disso, surgiu o anseio de pesquisar quais as práticas e saberes desenvolvidos pelos professores na sala de aula. Para tanto, optamos por investigar a afetividade sob o enfoque teórico de Henri Wallon e seus intérpretes, o autor que criou uma teoria de desenvolvimento que coloca no mesmo plano de importância os aspectos afetivos, pessoais, cognitivos e motores do desenvolvimento.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa teve como objeto de estudo a sala de aula, as práticas e saberes utilizados pelos professores para lidar com a afetividade. Num primeiro momento, buscamos identificar uma escola pública que concebia na sua programação a educação da afetividade. Dessa forma, foi escolhida uma instituição, localizada num bairro periférico da cidade de Aracaju, sendo nossos sujeitos, professoras do Ensino Infantil e das Séries Iniciais. Em seguida, foram realizadas visitas e um período de observação da rotina e dinâmica da escola para que fossem identificados os sujeitos da pesquisa.

A pesquisa apresentou um cunho eminentemente qualitativo e o procedimento utilizado para coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada com as professoras em questão. Procuramos nos concentrar, principalmente, nos seguintes aspectos: identificação das práticas aplicadas em sala de aula; resultados obtidos ao se utilizar determinada prática; formas e motivos de aplicação de tais práticas, e de que forma estas estão relacionadas com o conceito de afetividade.

Para a realização das entrevistas foram selecionados oito sujeitos, sendo três professoras da Educação Infantil, quatro professoras das Séries Iniciais, que ministram as seguintes turmas, respectivamente: dois na Oficina II (5 anos), um na Oficina I (4 anos), três no 3º ano; um no 2º ano do Ensino Fundamental, e uma professora que ministra a turma do Programa Se Liga (programa que trabalha com alunos repetentes).

No processo de análise, procuramos analisar, comparativamente os dados coletados nas entrevistas, a fim de identificar quais das práticas estão bem fundamentadas em propostas pedagógicas que contemplam o desenvolvimento afetivo, como as professoras lidam com sua práxis com a afetividade e de que maneira agem como mediadoras das relações interpessoais com seus alunos. Para tanto, foram realizadas diversos tipos de leituras, que permitiram agrupar e levantar algumas categorias de análise. Ademais os dados são apresentados em alguns momentos sob a forma de quadros que ilustram as práticas afetivas exercidas pelas professoras, o seu conceito de afetividade e suas dificuldades em trabalhar a mesma em sala de aula.

3. RESULTADO

3.1 Conceito de afetividade

No quadro abaixo apontamos as palavras-chave que aparecem no discurso das professoras ao conceituar a afetividade. Pode-se perceber que professoras A, E e F relatam que o carinho é uma forma de demonstrar a afetividade. A professora A chega a afirmar a afetividade é a “maneira de tratar, falar com eles com carinho”. As professoras D e E citam a afetividade como se fosse uma compreensão, como afirma a professora D: “é você compreender o outro. Ter compreensão.” Mas vale ressaltar que a professora F ainda cita a necessidade de ter receptividade e a B fala em proximidade. Já a professora C não se assemelha com nenhuma outra, pois ela afirma que a afetividade: “É um sentimento que existe em todos os seres humanos”. Aqui surge no discurso da professora a confusão entre sentimento e afetividade, quando na verdade a teoria walloniana nos aponta o sentimento como um tipo de manifestação afetiva.

Sujeitos								
Respostas	A	B	C	D	E*	F	G*	H*
Carinho	X	X			X	X	X	X
Compreensão				X	X			
Reciprocidade						X		X
Interação								
Proximidade		X						
Sentimento			X					

Figura 1- quadro do conceito de afetividade

Entre as entrevistadas 87,5%, isto é, sete professoras acreditam que a afetividade influencia no desenvolvimento das atividades em sala de aula, enquanto que 12,5 % , ou seja, uma professora afirma ser relativo, já que, “tem crianças que gostam de ser tratadas com carinho. Mas tem outras que não sabem o que é isso e acham que é brincadeira.”

Referindo-se aos 87,5% das respostas, vale ressaltar, que as explicações das professoras A, E e H assemelham-se pelo fato delas enfatizarem a importância do carinho, dos elogios e do cativar para o crescimento do rendimento escolar, como fica claro na seguinte fala da professora E: “tem alunos que precisam antes de tudo serem cativados, porque senão eles travam”. No entanto, é importante ressaltar que a professora H enfatiza também a necessidade de haver afetividade nessa população, analisada em questão, pelo fato desta ser carente: “porque eles são carentes, então aqui temos que dá muito carinho, amor.”

Já as explicações das professoras B, C e G, de uma maneira geral realçam a importância da proximidade, da atenção para a aprendizagem, ou seja, o sucesso da aprendizagem com a influência da afetividade. Dessa forma, fica claro que nenhuma das professoras acredita que a afetividade não influencia no desenvolvimento de suas atividades em sala de aula.

Quando questionadas sobre a possibilidade do planejamento considerar as necessidades afetivas de seus alunos, apenas uma disse que o plano não era flexível. A professora E afirma: “seria se eu fosse responsável por ele [pelo plano], mas eu tento adequar por minha conta”. A professora deu essa explicação porque, segundo sua fala: “aqui [na escola] é um projeto, tudo é igual para todos”.

A resposta da professora A se assemelha com a resposta F, pois ambas afirmam que o planejamento é flexível e dizem que não vão passar para o outro conteúdo sem que os alunos não tenham aprendido. “É flexível. Nem todos os dias vou ensinar a mesma coisa, como por exemplo, História e Geografia, eles não sabem ler, então não vou insistir, dou aula de matemática e de português”, afirma a professora A .

A explicação da professora B trouxe uma resposta bastante diferente das demais, pois afirma que seu planejamento é flexível e ao mesmo tempo ela não leva em consideração a afetividade. “Ele é flexível, mas nem sempre levo em consideração a afetividade”.

As explicações das professoras C e E também se assemelham, por um lado, pois C disse: “Com certeza. Procuramos muito, o que dá para fazer eu faço”. Já E falou: “Seria se eu fosse responsável por ele, mas eu

tento adequar por minha conta”. Portanto, apesar de uma resposta afirmar a flexibilidade do planejamento e a outra dizer que o planejamento seria flexível se ela o elaborasse, tiveram um ponto em comum ao relatarem que tentam envolver a afetividade.

3.2 Práticas afetivas em sala de aula

As professoras A e F se assemelham em suas respostas, pois utilizam práticas afetivas que envolvem carinho e elogio. Além disso, a professora A relata que em suas práticas ela trabalha com a aceitação de opiniões de cada aluno. Já a professora F, inclui atividades com músicas e oração.

As professoras B, F e H se também utilizam em suas práticas afetivas a música. Mas quando questionadas sobre as formas de trabalhar a afetividade, a professora B conta histórias, a F envolve o carinho, o elogio e a oração e a H trabalha com conversas entre alunos e os pais, além dos trabalhos com fantoches.

As professoras C, E e G elaboram dinâmicas afetivas (como brincadeiras), por isso seus trabalhos se assemelham. A professora E disse que a conversação com os alunos é um elemento presente em suas práticas. Já a professora G diz que além de inserir em suas práticas as dinâmicas afetivas, inclui também as conversas e orações. Para essa professora saber do outro, através do diálogo, não é uma prática afetiva. As professoras D, F e G incluem em suas práticas afetivas as orações. Suas práticas se diferem quando a professora G dá ênfase à conversação e quando a F trabalha com elogios. Por fim, as professoras E, G e H se assemelham por incluírem em suas práticas afetivas a conversa para que possam manter um contato com a realidade dos alunos. Além disso, as professoras E e G se assemelham também por realizarem dinâmicas afetivas e é por essa mesma prática que elas se diferenciam da professora H.

Segundo as professoras entre as atividades que os alunos mais gostam, destacam-se contar histórias, brincadeiras, músicas. As professoras A e B declaram realizarem a atividade de contar histórias que seus alunos mais gostam. Já professora A se diferencia da B por incluir em suas atividades as brincadeiras e as músicas. As professoras A, F e G se assemelham ao relatarem que seus alunos se identificam, bastante, com a música. Outras atividades como a pintura, a expressão corporal e o taém foram destacadas como atividades que auxiliam os alunos a aprenderem.

Alem dessas atividades de caráter lúdico, as professoras C e D destacaram atividades em grupo. A professora E faz a acolhida (ato de receber os alunos) “momento em que eles mais gostam”, já H usa fantasias (isso chama a atenção das crianças).

As práticas dos professores diante da inquietude e desatenção dos alunos foram as maias variadas. O quadro abaixo apresenta como as professoras respondem diante dessa situação com seus alunos.

Professoras								
Atitude	A	B	C	D	E	F	G	H
Fica em silêncio	X							
Muda a forma de lidar com eles		X						
Procura atividades diferentes			X					
Separa as crianças inquietas				X				
Procura saber o motivo da inquietude dos alunos					X			
Ameaça punir						X		
Faz brincadeiras							X	
Chama a atenção								X

Figura 2 - Atitudes do professor em relação a inquietação e a desatenção dos alunos

Com relação a inquietação e desatenção, não se percebeu nenhuma semelhança entre as respostas das professoras. A seguir expomos as seguintes falas de maneira a ilustrar melhor suas posturas:

Para poder evitar isso eu procuro atividades diferentes, jogar a ilustradinhos, envolver a história deles, colocar o nome deles em problemas de matemática. (Prof. E)

Eu procuro separar as crianças inquietas, mas é difícil, porque eu perco o raciocínio. (Prof. D)

É complicado. Mas eu geralmente falo: Se vocês não prestarem atenção, vocês vão perder nota! Vocês vão ficar com nota baixa. Aí eles ficam com medo. (Prof. F)

Com relação ao uso das emoções positivas, capazes de despertar o prazer e o bem-estar, todas as professoras concordam que o humor, a surpresa e o riso ajudam na aprendizagem em sala de aula. Mas apenas três professoras justificaram suas respostas declarando:

Ajuda. O professor que chega em sala de aula triste, mal – humorado passa para os alunos a negatividade e eles não se sentem motivados. (Prof. A)

Sim. Quando o professor é divertido eles gostam muito. Passa de forma engraçada. (Prof. C)

Acho. Porque aí não se parece ser uma coisa tão normal e facilita a memorização. (Prof. E)

Nessa questão todas as respostas das professoras se assemelham, pelo fato delas acharem que o humor e o riso facilitam a aprendizagem dos alunos. As professoras A, C e E foram as únicas que explicaram as suas respostas.

Já com relação à surpresa, aqui também as professoras são unânimes sobre sua influência no aprendizado dos alunos. Para as professoras B, C, D, G e H a surpresa prende a atenção. E a professora C afirmar que a surpresa, além de prender a atenção, é um fator motivacional para os alunos, levando-os a participarem mais das aulas.

3.3 A afetividade moral

Todas as professoras acham importante ensinar aos alunos os valores, as crenças e a cidadania. As professoras A e B se assemelham, pois dizem que a importância de ensinar aos alunos esses elementos é que futuramente irão se tornar cidadãos de bem.

As professoras C e D declaram que é importante ensinar esses valores, mas ao mesmo tempo concordam que é difícil ensinar.

É a parte mais difícil. O tempo é curto, eu ensino, mas quando voltam no outro dia eles parecem que esqueceram. Eu ensino a questão de limites, de respeitar o outro, de se comportar nos lugares. Aprender a ouvir. (Prof. C)

As crenças são difíceis de trabalhar, porque existem muitas, mas aí trabalho de forma mais geral, procuro trabalhar com a existência de Deus, evito particularidades de religiões, para evitar conflitos. A cidadania é difícil de trabalhar porque eu ensino na escola, mas em casa não existe. A sociedade deles é excludente, ensinar cidadania é como secar uma gota de água em um incêndio. Apesar do nervosismo, eu procuro fazer minha parte. Já estou para me aposentar, mas quando vejo algum escrevendo o nome completo no meio da bagunça isso me anima e me dá força para continuar (Prof. D)

A professora E diz que está sempre falando dos valores. Ela disse: “A realidade deles é muito difícil, eu procuro ensinar, reforçar, e eu exijo que na minha aula eles façam o que eu prego”. Assim, ela deixa claro que exige obediência ao que é pregado. Já as professoras F, G e H afirmam que é exatamente por ser uma comunidade carente, por alunos não terem noção desses valores, pelos pais não imporem limites que se faz necessário possibilitar a convivência com os valores e crenças.

4. CONCLUSÃO

A relação afetiva é para alguns grupos o motivo das suas agregações, fato que não ocorre com a escola, na qual a razão primeira de sua existência está na responsabilidade com o conhecimento. Mesmo na escola, as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, numa interação entre pessoas. Tanto quanto a família, essa instituição exerce grande influência sobre o desenvolvimento da personalidade infantil, portanto não pode tratar a criança fragmentariamente, mas

concebê-la como um ser completo. Partindo dessa concepção, o compromisso da escola é transmitir o conhecimento sem negligenciar as condições afetivas de seus alunos. Para isso, o professor, enquanto articulador do processo de construção do conhecimento deve construir uma prática pedagógica que possibilite o desenvolvimento conjunto da afetividade com a inteligência. Desse modo, ao professor é delegado um importante papel social, qual seja, o de compreender o aluno no âmbito de sua dimensão humana, na qual tanto os aspectos cognitivos quanto os aspectos afetivos estão presentes e se interpenetram em todas as manifestações do conhecimento.

Os resultados demonstram que a inteligência e a afetividade são dois fenômenos interligados no processo de construção do conhecimento e o professor, responsável direto pela aprendizagem, deve saber lidar com as manifestações afetivas da criança, particularmente, com as emoções na sala de aula. Os nossos dados permitiram identificar que a afetividade, na sala de aula, ainda se limita ao campo relacional e o professor não percebe que ao desenvolver suas atividades pedagógicas promove tanto o aspecto cognitivo quanto o afetivo, já que ambos são parceiros constantes nas produções humanas. Destaca-se, aqui, a relevância de a escola se ocupar, também, das manifestações emotivas, pois, se não bem administradas, podem prejudicar o desenvolvimento cognitivo da criança e o desempenho do professor. Afinal, como nos lembra Leite (2006), a afetividade é o fundamento da relação que se cria entre o aluno e os conteúdos escolares.

Os nossos dados permitiram identificar que há emoções que favorecem o processo de aprendizagem, portanto cabe ao professor, responsável direto pela aprendizagem, saber bem utilizá-las em suas práticas. O uso consciente dessas práticas permite ao professor perceber que a afetividade não se restringe ao campo relacional, mas está presente e é parte estruturante do que Atlet (2000) denomina processos situacionais pedagógicos. Por fim, essa pesquisa permitiu tanto ampliar o conhecimento da concepção de afetividade dos professores, quanto identificar as práticas afetivas, exercidas pelos professores, que influenciam de maneira positiva a aprendizagem dos alunos. Essas práticas, vale dizer, são construídas no constante desafio entre a sua competência teórica e as habilidades necessárias à sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Editora Papirus, 1999.

ATLET, Marguerite. **Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas**. Portugal. Porto Editora, 2000.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl e DANTAS, Heloísa. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEITE, Sérgio A. S. (org). **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LEITE, Sérgio A. S. e TASSONI, E. C. M. A. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G. e Sadalla, A.M.F. de A. De A. (org) **Psicologia e formação docente: desafios e conversas**. S. Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MAHONEY, Abigail A. Emoção e ação pedagógica na infância: contribuições da psicologia humanista. **Temas em Psicologia**. Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, nº 3, p. 67-72, 1993.

PELLISSON, Maria C. R. M. Análise de um memorial de formação: a afetividade no processo de constituição de uma professora. In: LEITE, Sérgio A. S. (org). **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. Parte III: Afetividade e constituição do professor. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SOUZA, Maria. T. C. C de; BUSSAB, Vera. S. R. (org). **Razão e emoção: diálogos em construção**. São Paulo: casa do Psicólogo, 2006.